

TESTEMUNHO E TRAUMA EM *É ISTO UM HOMEM?* de PRIMO LEVI

ROCKE, Franciele¹; MANDAGARÁ MARTINS, Aulus²

¹ Universidade Federal de Pelotas e Letras Português Alemão e respectivas literaturas. francielerocke@gmail.com; ² Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação. aulus.mm@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado das atividades desenvolvidas pelo grupo de pesquisa “Estudos Comparados de Literatura, Cultura e História” e visa a estudar as memórias dos sobreviventes dos campos de concentração nazistas, em particular na obra *É isto um homem?* (1998), de Primo Levi. Publicado em 1947, o livro de Levi é o primeiro relato a dar conta da realidade até então inconcebível dos *Lager*, cujo horror, a princípio, não poderia ser plenamente descrito através das palavras, conforme a percepção do autor: “Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar essa ofensa, a aniquilação de um homem” (LEVI, 1998, p.24).

Primo Levi salienta que sua narrativa sobre o Holocausto é o relato de eventos autênticos, de uma experiência factual por ele vivida. Esse aspecto é importante, pois *É isto um homem?* apresenta-se não como uma ficção, no sentido restrito da palavra, ou seja, fatos inventados ou imaginados pelo autor, mas como um testemunho de uma experiência traumática inscrita na História.

Por essa perspectiva, investiga-se a obra de Primo Levi a partir das categorias críticas de *literatura de testemunho* e de *escrita do trauma* para a análise das memórias dos sobreviventes da *Shoah* (MARCO, 2004).

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Esta pesquisa utiliza-se das noções de *literatura de testemunho* e de *escrita do trauma*. A metodologia empregada é a bibliográfica, procedendo-se à análise da obra estudada a partir dos referidos pressupostos teóricos que sustentam a investigação. No âmbito dos estudos da literatura da *Shoah*, a questão central é a do aspecto ético das memórias dos sobreviventes, cuja palavra está compromissada com a *verdade*, com o resgate de eventos históricos que não podem cair no esquecimento (CYTRYNOWICZ, 2003). No entanto, pela perspectiva da escrita do trauma, o aspecto ético deve ser relativizado, posto que a experiência traumática, que está na origem do testemunho, coloca em crise a representação do evento e, portanto, a possibilidade de poder narrar toda a verdade acerca do episódio traumático (SELIGMANN-SILVA, 2008).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao tratar da articulação entre testemunho e trauma, Seligmann-Silva (2008) lembra que a palavra testemunho possui um duplo significado, a partir de sua

etimologia. No sentido de *testis*, é o “terceiro” elemento convocado na cena jurídica; e, por outro lado, no sentido de *superstes*, significa também o mártir ou o sobrevivente, aquele que tem algo para narrar justamente porque nem todos sobreviveram para reportar a experiência vivida. Em ambas as acepções, destaca-se o aspecto essencial que constitui o testemunho: a suposição de transmitir ou reportar uma verdade.

Desse modo, podemos entender o testemunho de Primo Levi na dupla acepção do termo. Ele não apenas presenciou os acontecimentos ocorridos nos campos de concentração nazistas, como também sofreu, de modo radical, o evento traumático, a ele sobrevivendo. Essa posição do narrador diante do evento narrado qualifica eticamente sua palavra: ele é o portador de uma verdade a respeito de fatos que realmente aconteceram e sobre os quais se encontra em condições de testemunhar porque neles está diretamente implicado, seja como mero expectador, seja como protagonista ou sobrevivente. A palavra de Primo Levi é, ao mesmo tempo, portadora de uma verdade acerca da História e da experiência individual, de um sujeito que testemunha uma experiência factual pungente. Assim, o testemunho de Primo Levi não apenas oferece um documento a respeito da História, mas também confere uma dimensão, por assim dizer, mais humana aos documentos históricos.

Mesmo que a “verdade” contida nesse relato testemunhal possa ser relativizada devido às circunstâncias próprias da experiência traumática (lapsos de memória, ponto de vista limitado, visto que se tem apenas um lado dos fatos, contaminações ideológicas, bloqueios psicológicos etc), a realidade a que se refere *É isto um homem?* não é posta em dúvida, por mais inacreditáveis que sejam os eventos narrados, posto que a veracidade desses eventos é largamente atestada por inúmeras outras fontes.

As memórias de Primo Levi estão, portanto, contaminadas por essa ambiguidade essencial do testemunho: de um lado, trata-se de um testemunho que se quer “verdadeiro” porque o narrador (que se identifica, claramente, com Primo Levi) narra o que viu ou o que sofreu; por outro lado, em se tratando de uma narrativa de uma experiência traumática, é preciso presumir que essa “verdade” está carregada de subjetividade.

O aspecto ético assumido pela narrativa de Primo Levi também diz respeito à imperiosa necessidade de comunicar os eventos a que o autor sobreviveu. Essa necessidade é declarada logo na abertura de *É isto um homem?*

Sou consciente dos defeitos estruturais do livro e peço desculpas por eles. Se não de fato, pelo menos com a intenção e concepção o livro já nasceu nos dias de Campo. A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto com a finalidade de liberação interior. Daí seu caráter fragmentário: seus capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência. (LEVI, 1998, pp. 7-8)

Como se depreende, os “outros” são aqueles que não sobreviveram ao Holocausto, as vítimas por excelência dos eventos narrados e, em última instância, as únicas que deteriam a experiência traumática em toda a sua extensão, as verdadeiras testemunhas dos fatos ocorridos nos campos de concentração nazistas. Esse aspecto, acerca da testemunha que relata fatos não vivenciados de forma

radical, já que sobrevivente, é destacado constantemente pela crítica da literatura da *Shoah* (CYTRYNOWICZ, 2003; GAGNEBIN, 2003) e constitui-se como um dos problemas centrais dos relatos dos *Lager*. Por esse prisma, Primo Levi não faz o testemunho autorizado da experiência relatada, mas concebe o único testemunho possível.

O problema da comunicação da experiência traumática é evidenciado no famoso sonho recorrente do narrador (bem como de outros sobreviventes) em que ninguém manifesta interesse em ouvir o que ele tem a relatar: “Por que o sofrimento de cada dia se traduz, constantemente, em nossos sonhos, na cena repetida da narração que os outros não escutam?” (LEVI, 1998, p. 60). De acordo com Gagnebin (2006, p. 57), essa cena é emblemática e propicia “uma ampliação do conceito de testemunho”, não entendido apenas como aquele “que viu com seus próprios olhos”, ou seja, a testemunha direta, mas também como aquele “que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro”

4 CONCLUSÃO

No estágio atual da pesquisa, podemos destacar a complexidade de *É isto um homem?* decorrente de sua natureza ambígua – ambiguidade ressaltada pela perspectiva teórica da literatura do testemunho e da escrita do trauma. Entre o documento histórico e o registro subjetivo da experiência factual, entre o compromisso ético de testemunhar pelos que não sobreviveram e a necessidade de narrar pelo outro uma experiência não vivenciada até o limite, a obra de Primo Levi coloca em cena a palavra como instrumento de transmissão de verdade histórica, denúncia da violência estatal (no caso, o extermínio étnico perpetrado pelo nazismo) e como memória de experiências que não podem ser esquecidas.

5 REFERÊNCIAS

- CYTRYNOWICZ, Roney. O Silêncio do Sobrevivente: Diálogo e Rupturas entre Memória e História do Holocausto. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História Memória Literatura: O testemunho na era das catástrofes**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Após Auschwitz**. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História Memória Literatura: O testemunho na era das catástrofes**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.
- GAGNEBIN, Jeane Marie. Memória, história e testemunho. **Lembrar esquecer**. São Paulo, 34.
- LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MARCO, Valeria de. **A Literatura e a Violência do Estado**. Lua Nova, São Paulo, n.62, 2004 (45-68)
- OLIVEIRA, Lucas Amaral de. **A Memória de Primo Levi sobre os campos de morte nazistas**. Literatura e Debate, Jan- Jul, 2010.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o Trauma: A Questão dos Testemunhos de Catástrofes Históricas**. Psic.Clin., Rio de Janeiro, 2008.

